



**DA DES-ENCOBERTA AO HABITAR A FRONTEIRA: uma paisagem  
*biogeográfica***

**DEL DESCUBRIMIENTO AL HABITAR LA FRONTERA: un paisaje  
*biogeográfico***

**FROM DISCOVERY TO INHABITING THE BORDER: a biogeographical  
*landscape***

**Nathalia Flores Soares<sup>1</sup> & Edgar César Nolasco<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este ensaio se delinea a partir da fronteira-sul, meu biolocus geohistórico e epistemológico e propõe estabelecer uma teorização outra crivada à luz da noção de *desprendimento* a partir da obra *A descoberta do mundo* (1992) de Clarice Lispector. Desse modo, minha discussão se assenta na crítica biográfica fronteiriça como forma de melhor teorizar acerca do lugar em que estão alocadas minhas sensibilidades locais. Na esteira dessas afirmações, este ensaio propõe teorizar acerca da figura de Clarice Lispector enquanto cronista, de modo que seus

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6197-3901>. Email: [nathalia.f.soares@hotmail.com](mailto:nathalia.f.soares@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Professor da graduação em Letras e do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Letras), da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Líder do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) e editor chefe do periódico Cadernos de Estudos Culturais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: [edgar.nolasco@ufms.br](mailto:edgar.nolasco@ufms.br) ou [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

escritos re-descobrem a exterioridade biogeográfica do Brasil no bojo da discussão angariada na obra supracitada. Como proposto pelo texto-epígrafe, ensejo *des-crever* minha história local, bem como, a história do Brasil pelos olhos de Clarice Lispector na condição de cronista expectadora do mundo.

**Palavras-Chave:** Clarice Lispector; Teorização Descolonial; Biogeografias

**Resumen:** Este ensayo parte de la frontera sur, mi biolocus geohistórico y epistemológico, y se propone establecer otra teorización a partir de la noción de desapego a partir de la obra *A Descoberta do mundo* (1992) de Clarice Lispector. Así, mi discusión se basa en la crítica biográfica límite como una forma de teorizar mejor sobre el lugar donde se ubican mis sensibilidades locales. A raíz de estas afirmaciones, este ensayo se propone teorizar sobre la figura de Clarice Lispector como cronista, para que sus escritos redescubran la exterioridad biogeográfica de Brasil en medio de la discusión suscitada en el citado trabajo. Tal como lo propone el epígrafe-texto, me gustaría describir mi historia local, así como la historia de Brasil a través de los ojos de Clarice Lispector como cronista que espera el mundo.

**Palabras clave:** Clarice Lispector; Teorización decolonial; Biogeografías

108

**Abstract:** This essay is based on the southern frontier, my geohistorical and epistemological biolocus, and proposes to establish another theorization based on the notion of detachment based on the work *A Descoberta do Mundo* (1992) by Clarice Lispector. Thus, my discussion is based on borderline biographical criticism as a way to better theorize about the place where my local sensibilities are allocated. In the wake of these statements, this essay proposes to theorize about the figure of Clarice Lispector as a chronicler, so that her writings re-discover the biogeographical exteriority of Brazil in the midst of the discussion raised in the aforementioned work. As proposed by the epigraph-text, I would like to describe my local history, as well as the history of Brazil through the eyes of Clarice Lispector as a chronicler who expects the world.

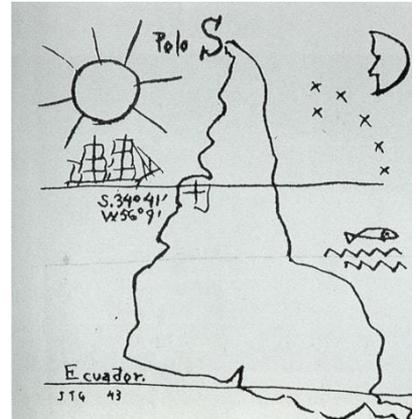
**Keywords:** Clarice Lispector; Decolonial Theorizing; Biogeographies

indiscriminadamente “o mundo”. “Mapa mundial”, considerarei expressão não apropriada; quando eu disser “o meu mundo”, me lembrarei com um susto de alegria que também meu mapa precisa ser refundido, e que ninguém me garante que, visto de fora, o meu mundo não seja azul. Considerações: antes do primeiro cosmonauta, estaria certo alguém dizer, referindo-se ao próprio nascimento, “vim ao mundo”. Mas só há pouco tempo nascemos para o mundo. Quase encabulados.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.23

Até que de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 23



GARCIA. *América invertida*, 1943.

É a partir da paisagem biogeográfica do outro lado da fronteira-Sul de mato grosso do Sul que escrevo estas linhas, do lado invertido do mapa, como representado pela ilustração de Torres Garcia, quero entender que as epígrafes aqui elencadas se complementam, tendo em vista que a necessidade de refundar o mapa como muito bem observado por Clarice. Trago comigo esse retrato por entender que ele melhor representa o lado que eu estou no mundo, o lado sul. Fui criada em uma cidade no interior do Estado, lá descobri o Sul pela primeira vez através dos livros da biblioteca de minha avó.

Por vezes acreditei que Sidrolândia nem estava no mapa, tendo em vista que se comparada aos grandes centros onde tudo acontece, minha cidade natal era um ponto fora do mapa. Foi no momento em que aprendi a ler e a escrever que pude enxergar o local que me rodeava com a sensibilidade de menina leitora que quase como cronista observa o mundo. A partir desse dia que comecei a ler e a fabular, pude perceber que o mundo o qual circundava Sidrolândia se desenhava como uma paisagem que me causava revolta, eu não podia ficar ali.

Anos depois, decidi que iria embora de Sidrolândia, quando chego a capital descubro o mundo pela segunda vez, o mundo dos estudos, da pesquisa e do fazer desteórico que contorna a paisagem de minha fronteira. Foi ali também que

descobri o mundo Clariciano pela primeira, e não só o descobri como o devorei quase como uma ferocidade animal em meu corpo e escrita. *Desconfio que tenha sido com ela que aprendi a ler o que queria ler e escrever o que queria escrever*<sup>3</sup> Descobri não só o mundo com Clarice, mas pude refundar meu mapa e devorar a revolta por meio do gesto de prezar pelas vidas que se roçam e sangram na fronteira e em minha carne.

Dito isso, começo essa *conversa* a partir de um sentimento que me vem acompanhando há algum tempo, o sentimento de que Clarice Lispector se incorporou em minha vida, escrita e sensibilidades locais como o fez a fronteira-Sul, meu lugar no mundo. Partindo deste princípio, a Clarice que me acompanha como espectro se funde em meu corpo e nas entrelinhas de meus textos, me autorizando a escrever o que eu quero, já que minha própria aliada espectral insistia em repetir que literatura era pouco, o que ela escrevia não tinha nome. Sinto que meu trabalho de crítica biográfica fronteiriça me aloca na posição de escrever o que quero para *prezar nossas vidas, ao invés de torna-las dispensáveis*<sup>4</sup>.

Entendo que escrever o que se quer é um dos atos mais complicados para mim crítico biográfico fronteiriço, porque ao fazê-lo sei que estou me *desprendendo*<sup>5</sup> das oposições coloniais norteadoras, de modo a assumir minhas orientações epistêmicas rumo ao *diálogo sul-sul*<sup>6</sup>. Na esteira dessa argumentação, a desobediência epistêmica é condição sine qua non para a realização do desprendimento, uma vez que estudar uma autora como Clarice Lispector demanda desprender o ranço moderno que circunda toda sua obra.

Como uma forma de realizar o desprendimento da figura de Clarice da historiografia moderna literária, a qual não foi capaz de perceber o nível político das discussões que a intelectual propunha em seus textos. A crítica moderna manteve seu olhar voltado somente para o projeto estético de Clarice, sem perceber a magnitude das discussões levantadas pela autora para entender o

<sup>3</sup> NOLASCO. *O teorizador vira lata*, p. 18.

<sup>4</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

<sup>5</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p.98

<sup>6</sup> SANTOS. *Epistemologias do Sul*, p.15

funcionamento do Brasil de sua época, bem como, das relações políticas instauradas naquele momento histórico.

Argumento em favor das epistemologias que emergem do Sul, como modo de resolver os impasses epistemológicos advindos da modernidade e que se incrustam na obra de Clarice e por isso valho-me da máxima em que “*Desaprender não significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente*”<sup>7</sup>. A partir disso, sou levada a inferir que a descolonização por meio da reinvenção do poder, acontece somente através do pensamento fronteiriço. O fato é que existem epistemologias hegemônicas que fundamentam todo o pensar ocidental, para a prática descolonial é imprescindível a criação de teorizações outras por meio de *metodologias do desconforto*<sup>8</sup>, enquanto sentimento ocasionado pela desobediência à forma hegemônica colonial metodológica.

Partindo do princípio de que as histórias locais constroem o pensamento fronteiriço, memórias, escritos e experiências compõem de forma ímpar a escrita de Clarice. Sua escrita se desprender da boa tradição literária por descortinar seu caminho em direção ao desprendimento. Entender que a prosa literária clariciana não está só para a ficção, demanda compreender que a realidade o atravessa, como um esforço que se chega à memória. Quero demonstrar como o escrever para Clarice acaba se tornando uma forma de recontar memórias e descobrir o mundo para além dos limites intrínsecos da colonização

É nesse sentido, que re-ler as crônicas de Clarice se constroem como uma forma de compreender o prenúncio da descolonialidade presente e expresso em seus textos-crônicas. Dito isso, quero pensar com Clarice como elucidado pela crônica-epigrafe a qual abre está conversa/teorização, que meu mapa também precisa ser refundido, uma vez que foi desenhado e construído sobre as *ruínas de uma civilização*<sup>9</sup> que não contempla as sensibilidades locais latino-americanas. Compreendo que refundar o mapa de minha civilização demanda assumir uma teorização baseada em conceitos outros, os quais compreende *a gramática da descolonialidade está em construção no planeta*.<sup>10</sup>. A Clarice que evoco pra

<sup>7</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>8</sup> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

<sup>9</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 295.

<sup>10</sup> MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p.93.

minha vida como aliada intelectual vêm construindo uma gramática descolonial em seus escritos, mesmo que faça sem o saber. A intelectual afirma que “*há pouco nascemos para o mundo*”<sup>11</sup>, e de fato, nos sujeitos fronteirços nascemos há muito pouco comparado com a imensa civilização que nos criou. Nosso eu fundado e enraizado nas terras latinas está emergindo do des-encoberto.

Chegou o momento da *re-escritura a história do mundo a partir da perspectiva e da consciência crítica da colonialidade e da corpopolítica e geopolítica do conhecimento*<sup>12</sup>. Minha descoberta do mundo é como a escritura de Clarice não suporta resignação, e para além disso nasce da revolta como um meio de devorar a exclusão dos corpos fronteiriços, é uma revolta crítica fronteiriça, a qual me autoriza a ser desobediente, já que a revolta é sintoma do corpo colonizado, como nas palavras de minha aliada Clarice, ninguém me garante que meu mundo é azul, enquanto eu escrever o que eu quero meu mundo será como eu des-escrever, afinal, *o universo deste lado da linha re-existe e não é abstrato*.<sup>13</sup>

Nesse sentido, o que está envolto na minha des-coberta do mundo, passa pelo crivo do diálogo sul-sul, uma vez que a fronteira a qual escrevo se aloca do outro lado da linha dos saberes imperiais, *para além daquelas linhas radicais que dividem a realidade em dois universos distintos*<sup>14</sup>. Dito isso, entendo que as crônicas escritas por Clarice Lispector dialogam diretamente com este lado da linha, com os corpos marginalizados, excluídos em prol de um Estado tomado pelo comando militar. A autora relata em seus textos-crônicas uma práxis de viver outra, seus escritos estão calcados na realidade social brasileira, mesmo que de modo sutil a lá Clarice. Seu posicionamento político se da por meio das palavras evidenciando assim o potencial teórico, político de seus textos, de modo que são transfigurados da realidade para a ficção. Como afirma Silviano Santiago: *Na literatura brasileira, Clarice é a primeira a transferir para a linguagem o lugar central ocupado autoritariamente pela realidade histórica*.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.16.

<sup>12</sup> MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p.96.

<sup>13</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p.71.

<sup>14</sup> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 71.

<sup>15</sup> SANTIAGO. A política em Clarice Lispector, s/p.

Realidade histórica essa que está descrita nas entrelinhas da descoberta do mundo, as crônicas de Clarice provocam seu leitor a olhar para o mundo que resurge para além da linguagem fácil do instrumentalismo político<sup>16</sup> o qual se pauta em universalismos abstratos os quais desprezam as vidas marginais. O pensamento descrito nessas linhas parte da máxima de que a Decolonialidade precisa do pensamento de fronteira. Ambos são condições necessárias para desvincular da miragem do pensamento e do ser imperial<sup>17</sup>. Ao me desvincular desta miragem moderna e homogênea<sup>18</sup>, incorporo as palavras de Clarice e percebo: “*então é verdade que eu não me imaginei, eu existo*”<sup>19</sup>. Existo e re-existo na minha fronteira e sigo escrevendo o que quero para descobrir o mundo.

### DESOBEDECER PARA RE-SURGIR: minhas crônicas des-encobrem o mundo

A sociedade política globais está constituída não por milhares, mas por milhões de pessoas que se agrupam em projeto para ressurgir, reemergir e re-existir.

MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 112.

Aportada pelas epígrafes as quais antecipam esta minha *conversa epistêmica*<sup>20</sup> estou argumentando em favor da re-surgência, re-existência como formas de emergência levadas a cabo pela descolonialidade para que o pensamento fronteiriço se constitua como um projeto que preza pelas vidas que se roçam nas fronteiras do conhecimento. Nesse sentido, devo convocar minha aliada Clarice Lispector para essa conversa, pois entendo seu ofício de cronista enquanto uma prática que se joga para a vida, ou seja, pensamentos que se jogam na vida, os quais podem ser entendidos como uma práxis de viver ou, *uma forma privada*

<sup>16</sup> SANTIAGO. A política em Clarice Lispector, s/p

<sup>17</sup> TOSTLANOVA; MIGNOLO. *Learn to unlearn*, p. 226.

<sup>18</sup> TOSTLANOVA; MIGNOLO. *Learn to unlearn*, p. 226.

<sup>19</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 15.

<sup>20</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, s/p.

*de filosofar*<sup>21</sup>.

Nesse sentido, descobrir o mundo pelo crivo dos pensamentos que são insinuados através das crônicas claricianas, se constitui para minha teorização como um modo de re-existência e re-surgência uma vez que estou considerando os escritos contidos na descoberta do mundo como uma forma de sensibilidade de Clarice, sensibilidade essa que a possibilita olhar o mundo a sua volta, o mundo dos injustiçados, da cólera, da revolta. Ao me debruçar nessas minhas crônicas/modos de pensar, antevejo o gesto descolonial presente nas entrelinhas, quando Clarice afirma que: “ escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu”<sup>22</sup>, gesto esse que coloca a re-surgência em jogo. Na esteira dessa afirmação, minha re-existência só pode ser concebida por meio da escrita, se escrever é tantas vezes lembrar do que nunca existiu, escrever das fronteiras é re-existir enquanto crítica biográfica fronteira. Haja vista que minhas memórias e sensibilidades estão firmadas no chão que piso e na paisagem a qual me circunda.

O fato é que, quando Clarice escreve suas crônicas-textos-pensamentos de vida, infiro que ao escrever o que quero, e *reproduzir o irreproduzível por meio da escrita*, Clarice re-surjo enquanto crítica biográfica fronteira, de modo que ao teorizar os escritos presentes na descoberta do mundo enquanto um práxis de viver, estou fazendo com que minha própria fronteira re-exista por meio da palavra e dos pensamentos que se jogam na vida.

Na esteira de Clarice, só posso lembrar do que nunca existiu por meio da opção descolonial, uma vez que a ficção criada pelo projeto moderno invalidou as formas fronteiriças de viver e pensar, já que como afirma Mignolo, *re-existir e re-surgir não pressupõem uma volta ao passado já formulado pelos europeus*<sup>23</sup>, o projeto que constitui a re-existência está para a atualização da práxis fronteira no presente, de forma a validar minha re-surgência enquanto pesquisadora que habita a fronteira.

A sensibilidade inteligente de Clarice está no ato de escrever, já que para ela *escrever é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e*

---

<sup>21</sup> KUSH *apud* MIGNOLO. *Podemos pensar los no-europeos?*, p. 205

<sup>22</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, 83.

<sup>23</sup> MIGNOLO. *Podemos pensar los no-europeos?*, p. 225.

*sufocador*<sup>24</sup>, sentimento esse que foi proporcionado pelo projeto colonial, uma vez que ao excluir corpos da exterioridade, fazem com que os pensamentos, memórias e sensibilidades sejam sufocados em prol de uma verdade universal e abstrata. Quando Lispector escreve tendo como base o sentimento, já é uma forma de não se encaixar na retórica da modernidade, escrever com os sentimentos se constrói como uma forma de pensar em viver, a qual não leva a cabo mais a estética como forma universal de ler e escrever textos.

Ressalvadas as diferenças, observo o gesto da escrita de Clarice no arraial dos sentimentos que ela própria por exemplo, também não parece se adequar ao ofício do cronista proposto pela crítica moderna, no entanto o desempenhará, entre as décadas de 60 e 70. Nesse sentido, um dos temas recorrentes em sua obra versa justamente sobre essa sua não adequação com o papel de cronista, para entender o que de fato seria a crônica, Clarice não preferiu não se adequar a caixas fechadas, pelo contrário se desprende dessa noção de gênero como saber absoluto e transpõe seu ofício de cronista para a ordem da vida.

Desse modo, os textos menores da autora, evidenciam uma desobediência para com os postulados da crítica e da própria demanda do gênero crônica, ela joga com o modo de pensar, transformando sua escrita como um modo de filosofia particular a qual escava melhores formas de viver e descobre o mundo ao seu redor. O gesto de escrever o que quer em Clarice se inscreve como se *afirmam na práxis do pensar, fazer, viver e escrever como queremos porque a libertação descolonial está em jogo para dois terços do planeta*.<sup>25</sup>

Ao afirmar que minha opção é descolonial, compreendo que esta teorização se constrói por meio da linguagem fronteira como uma maneira de desconstruir narrativas modernas forjadas no interior do colonialismo, narrativas essas que não são capazes de representar as várias esferas subjetivas da vida de quem sofreu e sofre com as consequências do colonialismo até hoje. A decolonialidade elegida como opção teórica, busca prezar por vidas<sup>26</sup> reais que desejam falar para além dos domínios coloniais. Nesse sentido, pode-se pensar a decolonialidade como

---

<sup>24</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, 83.

<sup>25</sup> MIGNOLO. *Podemos pensar los no europeus?*, p. 213

<sup>26</sup> MIGNOLO. *Podemos pensar los no europeus?*, p. 212

uma possibilidade da linguagem em reconstruir e desarquivar memórias, histórias e corpos que possuem sensibilidades próprias e que estavam até então soterradas em prol da linguagem construída no interior dos domínios colonizadores.

Dito isso, quero entender as crônicas claricianas como um pensar de viver descolonial, através da leitura da descoberta do mundo, de fato, o processo é amplo, porque estou me propondo a teorizar acerca de uma das maiores escritoras do Brasil e do mundo, contudo, alguns diques podem ser acessados se observados pelo ponto de vista de uma epistemologia que preze pelos mundos contidos nas linguagens as quais constroem as cosmologias do planeta e que busca a re-surgência do pensamento fronteiriço por meio do desprendimento e da desobediência.

A linguagem utilizada por Clarice em suas crônicas funciona como uma forma que a escritora se valeu para travar uma luta contra as injustiças sociais, Lispector sempre quis ser *uma pessoa que luta pelo bem nos outros*<sup>27</sup>, e sua literatura é a prova mais concreta que se tem. É por meio da literatura de Clarice que os corpos da exterioridade irão ter suas vozes ecoadas para além dos anais da história pregressa da descoberta do mundo. A literatura clariciana se consolida como uma forma de re-existência e re-surgência dos corpos da exterioridade. Isso explica em partes o porquê literatura era pouco para definir o que Lispector escrevia.

A re-existência e a re-surgência são o que caracterizam o desprendimento de minhas/nossas crônicas, bem como o desprendimento de Clarice, já que a intelectual sempre soube que sua tarefa seria *a de defender os direitos dos outros*<sup>28</sup>. *A literatura clariciana se converte em seu próprio fundamento*<sup>29</sup>, *convertendo se como* como uma resposta crítica aos fundamentalismos universais<sup>30</sup>. As crônicas de Clarice se fazem presentes na descoberta do mundo literário como um todo, se insinuam em direção ao presente e ao futuro.

---

<sup>27</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 153.

<sup>28</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 153

<sup>29</sup> FANON. *Peles negras/máscaras brancas*, p. 190.

<sup>30</sup> GROSGOUEL. para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p.385.

Descortinando mais uma vez a importância e a grandiosidade da re-surgência para que possamos re-existir em nossas lutas, projetando nossos pensamentos para a vida.

O mundo que me é acessado por meio de Clarice se instaura nas frestas da ficção e da realidade, como uma forma de criar, recuperar, relembrar o que foi esquecido. Ao passo que o mundo re-surge por meio da sua escrita, consolidando-se como *como epistemologia do Sul e como parte da emergência de um pensamento pós-abissal*<sup>31</sup>. O caminho possibilitado pela minha des-coberta do mundo é um caminho de luta contra a opressão, por mais estreito que possa parecer ser o trilho junto com Clarice Lispector já que como ela também *gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar.*<sup>32</sup>

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. IN: *Revista Estudos Feministas*. V.8, n. 1, 2000, p. 229-236.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (org.) *Teorias sin disciplinas: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGUÉL, Ramón (Editores

FANON. Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDFBA, 2008. P. 185-191: À guisa de conclusão.

GIULIANO, Facundo (org.) *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos em economia política e os estudos pós-coloniais In: SANTOS & MENESES (ORG.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. P. 455-491.

MIGNOLO Walter. *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

<sup>31</sup> NUNES. O resgate da epistemologia, p.230.

<sup>32</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 43.

MIGNOLO, Walter (org.) *Des-coloniladad del ser y del saber*. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y opción decolonial*. Trad. de Silvia jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

MIGNOLO Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS: Ensaio biográfico, v. 1, n. 23, 2020, p. 59-74.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS & MENESES (ORG.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TLOSTANOVA, Madina V. & MIGNOLO, Walter D. *Learning to unlearn : decolonial reflections from eurásia and the Américas*. Columbus: The Ohio state university press, 2012. Introduction: learning to unlearn: thinking decolonially, p. 1-28.

**118**

Artigo Recebido em: 17 de agosto 2021.

Artigo Aprovado em: 05 de junho de 2022.